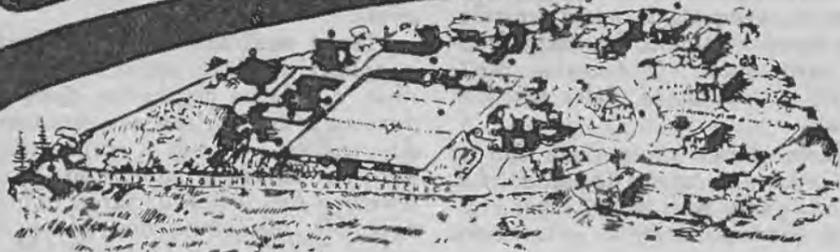


Redacção, Administração e Propriedária
CASA DO GALATO PAÇO DE SOUSA
Composto e impresso na
TIPOGRAFIA DA CASA DO GALATO—Tel. 5 Cete

Director e Editor
PADRE AMÉRICO
Vales do Correio para CETE



Gaiato



Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO VI—N.º 151
PREÇO 1500

CARTA DO BRASIL NOTA DA QUINZENA

Zé Eduardo mais eu fomos recebidos ao fundo das escadas do que podemos chamar magnífico hotel, por uma senhora brasileira, amiga do proprietário, que se encontrava ali a fazer uma semana de férias. O dono da Estância, por não nos poder acompanhar desde S. Paulo, incumbiu esta senhora de, em seu nome, o fazer.

Estava ela em companhia de seus pais; ele natural da Beira, ela natural do Porto. Tive ocasião de observar muito de perto e de gozar interiormente a força do quarto mandamento do Decálogo, vivido intensamente nas mais pequeninas coisas por aquela filha e seus pais. Não comovido fiquei à vista de tanta beleza, que mais tarde, em S. Paulo, não me quis vir embora sem passar uns momentos no lar desta família, que também ao tempo já tinha regressado da Estância. Isto foi justamente na véspera de seguir para o Rio. Era já noite.

Telefonei e apareci. Moram no Braz, um Bairro habitado pela colónia Portuguesa, muito arejado e muito importante.

Foi uma visita curta e uma confirmação do que antes suspeitava. Há mais dois filhos, bachareis que na maré estavam ausentes. Os alojamentos são espaçosos e suficientes. Um terraço diz para a escola aonde a filha é professora, ali a três minutos. O serviço doméstico é dividido amorosamente entre mãe e filha evitando assim criadas ou empregadas, como ali se diz as quais, ao que apurei, são mais um estorvo do que um auxílio. O arranjo da casa é irrepreensível. O amor filial corta-se ali à faca. Tudo nos fala de harmonia e de carinho. Não há climas nem há distâncias nem há doutrinas que sejam capazes de diminuir o valor e acção da família cristã.

Se a atacam, é com medo dela que o fazem. Se a fêrem, é por convicção de que as feridas na cabeça, se não matam, enfraquecem. Trouxe saudades daquela derradeira meia hora em S. Paulo e com mais saudades fiquei ao receber ontem uma carta daquela grande amiga: Provêra a Deus pudesse eu realizar este meu grande

sonho: ver Portugal, estar sob o seu céu, privar com sua gente, sentir o perfume das suas flores, o sabor de seus frutos e ver as reliquias da sua História que é também a nossa História. Abraçar o Zé Eduardo e contar histórias do Brasil aos seus Gaiatos.

Regressamos à Fonte Sónia. Iamos sem bagagem, levando dentro de uma pasta do Zé Eduardo as coisas indispensáveis a uma curta estadia. Algum espaço livre dentro da dita pasta, ia ocupado com a leilua favorita do Zé Eduardo; Gibi e o mais. Indicaram-nos dois quartos ao fundo de um corredor da chamada casa antiga por serem mais recolhidos, e eu ir com indicação de pessoa cansada. Instalamos as coisas, lavamos a cara e as mãos, escovamos os fatos e fomos comer. Não faltava nada daquilo que diz respeito a mesa abundante e sábia. Frutas, carnes, ovos, leite, tudo isto é produzido na quinta. E' tudo caseiro. Os criados não servem a gente como estamos afeitos na nossa terra. Eles colocam sobre a mesa, disposta em pequeninas travessas, a refeição completa e cada um que se sirva. Eu acho muito bem assim. Zé Eduardo e eu estávamos perfeitamente em casa e comidinha à frente. O vinho no Brasil é um produto caro, que nem todos podem gastar nos hotéis, mas ali era-nos fornecido de graça. Zé Eduardo procurava beber mais uma pingüinha à conta deste favor, mas eu não lhe dava licença. O proprietário, que sómente aqui aparece uma vez por semana, é um senhor muito senhor do seu nariz. Não vai para o hotel quem quer, mas sim quem ele permite. Pela beleza do local, conforto dos aposentos, facilidade de jogos e cozinha delicada, não falta gente em S. Paulo para encher os inumeros quartos e enormes salões da casa, mas ele não aceita. Ele escolhe. Ele faz questão. Não aceita de maneira nenhuma a mulher chamada moderna com costumes e falas e vida à moderna. Na próxima carta havemos de nos demorar neste curioso capítulo e até de hoje a quinze dias, se faz favor.

O pequenino cronista do nosso lar da Cumeada, fala no caso, na sua crónica de hoje, *Notícias de Coimbra*.

O Padre Manuel, também me escreveu sobre o mesmo assunto e agora sou eu a dizer. Para melhor impressionar os leitores, mandei inserir neste sítio a fotografia do cozinheiro do lar, pois a história gira toda à roda dele. Nós chamamos-lhe o Leiria por ele ter vindo daquela cidade, mas não importa,

nem ninguém nos pergunte quem ele é ou que vida tinha. E' mais decoroso não perguntar. A história de cada um dos nossos rapazes deve ser escutada e guardada em silêncio...

As senhoras do lar, tiveram de se ausentar por três dias. Padre



Uma Cartinha do BRASIL

E' de um assinante que pagou adiantado com mil e duzentos escudos e deseja que o jornal siga por avião. E' da cidade de S. Paulo. Outros, de outras cidades, têm feito idênticos pedidos; não podem sofrer a demora do correio!

A carta é datada de Novembro e dirigida aos Gaiatos. Ei-la:

Peço o favor acusarem seu recebimento, e permito-me também uma recomendação muito especial aos jovens expedidores: não esquecerem do meu nome, pois espero 2 vezes por mês, com ansiedade, a chegada do jornal. E' pequeno por fora mas grande por dentro, não propriamente grande no tamanho, devia ser maior, mas por favor não vão pôr anúncios. Leio-o todo, desde a primeira linha à última, devagarinho, para não acabar logo. Chego ao fim cansada, mas triste por ter acabado, e como não tem mais, volto ao principio. Conheço-os todos. Seus nomes são-me familiares, e acompanho as vossas vidas pelas referências do jornal.

Esta carta está a dizer que o próprio da Verdade é ser uma, em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as circunstâncias.

Faz muito bem à minha alma ouvir estas referências, não, certamente, por amor da minha ilustre pessoa, -cisco! Mas sim por amor da Verdade. Por amor do Evangelho. Por amor do Mestre.

Anúncios? Seria profanar o lugar santo! Teríamos de novo vendilhões no templo! Cada coisa tem o seu lugar: quem quiser saber preços vá a outros jornais. O nosso é fonte espiritual.

Manuel, que tem três casas à sua conta, viu-se na necessidade de sair desta por compromissos que tinha em uma das outras. A população do lar é de uns vinte e sete rapazes, sendo uns estudantes, outros empregados no comércio e outros na indústria, todos com horas marcadas.

P.^o Manuel chama o cozinheiro e o seu ajudante, a quem expõe a necessidade da sua ausência. O rapaz escuta, compreende.

Enche-se de si mesmo, vai à praça fazer as compras, põe na mesa a tempo e horas. Durante três dias ele foi o número um da casa. Tempos depois passei eu por Coimbra. Os rapazes puzeram o cozinheiro no meio deles. Disseram-me, muito contentes, o bem que ele tinha feito todas as coisas na ausência das senhoras e do Padre Manuel e eu, mais contente do que todos eles, prometi-lhe um fato da cor que ele mais gostasse.

Trata-se naturalmente de um caso de emergência. Já se vê que nós não podemos nunca deixar os nossos lares sem superentendência.

(Continua na 3.ª página)

AQUI, LISBOA! O que nos dão no Tojal

Cá estamos novamente a falar dos nossos irmãos. Há muito que os não visitava e esta ausência do tugúrio, já provocava protestos da nossa consciência e reparos dalguns dos nossos leitores para quem «O Gaiato» perde metade do sabor, se deles não trás notícias.

Quem quiser saber onde são as ilhas procure os esgotos da cidade. Lá, onde ninguém pode viver, é que crescem as barracas de trapos e latas para abrigo dos nossos irmãos. E ninguém lhes leve a mal. A casa é tão necessária ao homem como o vestuário e a alimentação. Nem o alpinista, nem o soldado em campanha, nem o explorador das selvas prescindiu dela. Aquelles a quem a sorte bateja, erguem arranha-céus nas avenidas, os remediados já se contentam com um tecto alheio de renda acessível, em qualquer rua sem nome. Mas que há-de fazer os Pobres, que nem para comer ganham o suficiente?

Deus sabe o que muitos passam para conseguirem dois metros de chão onde possam levantar o abrigo com caixotes de tabaco!

Valem-se dos baldios, e dos desastros da Câmara mas, logo que lá chega o progresso, não têm outro remédio senão levantar arraias e abaracar em novas é inhóspitas paragens.

Desta vez guiou-me os passos um garoto da ilha que andava numa das avenidas a vender pentes.

—O' freguês quer comprar um pente? oferece ele ao entrar num auto-carro. Mas ao dar com os olhos num polícia das estradas brada admirado com pilhas de graça: olha o trânsito também vai no comboio...!

O homem corou; os passageiros riem às gargalhadas e eu peguei nos tarrapos sujos da pseudo-camisinha do garoto para lhe perguntar onde é que ele morava.

—Na Quinta dos Peixinhos!

Com umas luzes que já tinha da referida quinta, lá fui visitar o enorme arquipélago. Em tempos áureos devia ter sido, de facto, uma aprazível quinta como o velho edifício parece demonstrar com hortas, jardins, tanques com peixinhos etc. etc.; agora nada resta senão um disforme aglomerado de terzentas ou mais choupanas de gente miserável. Contemplo-as com tristeza do catre dum paraplético, o primeiro amigo que ali arranjei. Crianças requiticas e de olhos purpulentos circulam pela azinhaga. Rodeiam-nos curiosas. Há doentes em muitas barracas. Tuberculosa filha das privações. Visitei alguns. O dinheiro que antes lhes não chegava para a comida muito menos dá agora para os remédios. O médico vem de graça; receita, mas — a gente não tem para aviar a receita...

Um deles, operário, gemia com voz sumida:

—Quando eu tomava conta de 150 camaradas, todos me abraçavam; agora que estou aqui, ninguém se lembra de mim... Passo muitas privações, padre!

Apesar disso, quando há dias lhe levaram um doce, não o quis provar sem repartir por um companheiro que debaixo do mesmo tecto, sofria do mesmo mal. Altruismo comovente!

Assim os que podem sobessem repartir... Se as Caixas Sindicais que tão zelosas se mostram na cobrança dos tantos por cento, abrissem um parentesis para acudir a tantos casos como este, que brecha abririam também na reserva geral com que são olhadas.

Nós não temos caixas, nem contas, por isso podemos repartir. E reparti mais do que nunca, na certeza da resposta do Alto.

A resposta não se fez esperar; no dia seguinte, um lente da Universidade

de Lisboa deixava no Tojal, um cheque de dez mil escudos.

As contas de Deus saem sempre certas.

Tenho meditado muito no remédio a aplicar à chaga social das furnas, ilhas e cidades cogumelas que rapidamente se desenvolvem nas estremeiras das cidades. O mal é muito extenso para ser atalhado por um só. A coadjuvar o Estado tem de surgir alguma entidade educadora dos filhos dos pobres. Talvez que as Ordens Religiosas pudessem e dessem fazer alguma coisa neste campo.

Creio que, se elas se mantiverem alheias, a Providência suscitará uma nova família que tomará a seu cargo a salvação dos párias das cidades civilizadas.

P.^o ADRIANO

Notícias da Casa do Gaiato de Lisboa

O Natal está à porta. Todos sabem o que isto quer dizer.

No ano passado por este tempo, já cá tínhamos comunicação de muitos grémios para levantarmos géneros, dinheiro e mais ofertas. Que se não esqueçam este ano, porque as necessidades são maiores. No Sábado passado não houve roupas para todos mudarem. Precisamos de flanela para fazer roupas interiores e colchas para as camas.

Estávamos à espera de fatos do Desemprego mas este ano não nos deram nada. Temos de recorrer aos nossos amigos.

As obras é que nos levam a pedir socorro. Quem nos acode?... O Sr. Padre Adriano disse aqui no princípio deste ano que precisávamos de 1.000 contos!

A venda do «Famoso» vai a aumentar tanto em Lisboa como nos arredores. Chegámos aos 1.300, e com uma média de 1.600\$00.

Os vendedores encontram constantemente pessoas muito amigas da «Obra». Quase todos são convidados para irem almoçar. Muitas pessoas aproveitam a ocasião para nos entregar recados.

O Coroa trouxe a notícia de que nos ofereceram uma carrada de lenha em Cascais. Um outro senhor na Igreja de S. Domingos deu-me 20\$00 e pediu para que pusesse no jornal ao menos estas letras E. R. Outra senhora mandou-nos buscar uma dúzia de lençois. Na Caravela dão-nos sempre 100\$00 por 20 «Gaiatos» e na Secil dão-nos 50\$00 e assim por diante.

VIVA O FAMOSO

Chegou-nos do Porto um automóvel novo é um «Prefect», a que a malla chama o nosso «Profeta». Como agora não podemos fazer uso do «Overland», damos-lo de graça a quem nos der uma forgoneta pronta a andar. É um comboio de 1.^o

Aqui há dias foi a Lisboa buscar 1.500 azulejos. Quando o estávamos a carregar os empregados do sr. C. Santos conheceram-no e começaram a fazer-lhe festas. — Olha o nosso rico «Overland»! Então por onde tens andado rapaz.

Já gastámos quando se juntou até hoje que foram: 737.999\$30. Nunca como agora sentimos a necessidade de dinheiro! Antes do fim do ano temos de pagar 20.000\$00 para cantarias, mais 15.000\$00 para mudeiras; quase a mesma quantia para fretes, outro tanto para feijões e legumes. Mais uns 10.000\$00 para ferros; e igual quantidade para cimento; são 5.000\$00 cada semana em férias de operários, e a mercearia, carne, pão e mais e mais ainda, e se fossemos a contar tudo. Os 263 contos que faltam aos mil ainda são precisos este ano. Quem nos acode?...

Já fui a Paço de Sousa contar isto

Temos agora a tipografia! Ela funciona já e parece que os resultados são bastante animadores. O seu pagamento é que vai indo em ritmo muito cadenciado. Está dito e redito que é passo de precisão por isso ninguém se admira.

Aqui no Tojal alguns têm enfileirado. Ultimamente porém, o seu número aumentou. Lisboa vai chegando à conclusão de que é mais prático entregar no Tojal.

Um padre de Leiria também foi desta opinião e medindo bem as distâncias e conveniências, achou que Lisboa oferecia melhores condições. E cá apareceu com um irmão, desobrigando-se cada um deles com uma nota de cem.

—A pequenina M. do Rosário Irmã gêmea dos filhos do pai Américo manda vinte escudos. É da pobreza que há-de vir a salvação do pobre. Quem muito sofreu compreende a dor alheia. Quem nunca viveu na pobreza peça a Deus a graça de a compreender e de a amar. Assim procura fazer um outro que nos enviou igual quantia e a fez acompanhar de um cartão onde traduzia muito do seu contentamento ao dizer: Nem sei como se salvaram das tempestades do mês. E como este mais dois cada qual com sua nota de vinte. Um deles confessou ser a primeira prestação e dá-lhe gosto o pensar que poderá atingir os cem.

Mais três do número dos cinco mil. E 50 escudos de uma desconhecida para que Deus lhe aumente a Fé e converta a sua família.

E pela conversão de uma pessoa mais cem em placas de dez.

—No Montepio Geral muita gente se tem lembrado de que a tipografia ainda está por pagar. Foi uma mãe e duas filhas com trezentos escudos e um oficial de cavalaria com cem e uma avó com duzentos e um anónimo com quinhentos e uma lisboeta com cem e um Zé com outros cem. E foi ainda um pretendente a bom cristão com 101 e três assinantes ferroviários com sessenta e uma família com quinhentos e diversos com 240.

—Mais uma medalha de ouro de uma Senhora que desejava consagrar-se à Obra. São apenas necessárias duas condições: dar e dar-se.

Os nossos visitantes continuam a ser muito atenciosos. Só deles 2.869\$00. De um senhor da Câmara de Lisboa 500\$00 e um saco de nozes. Os assinantes deram-nos 1037\$00.

De duas prestações do pessoal dos Produtos Lacteos 674\$50. Os da Vacuum depositaram no Banco 1.375\$00. No Banco foram ainda depositadas várias quantias de proveniências diversas, num total de 1.300\$00.

Na Secil, para o almoço dos rapazes que lá foram vender o jornal 50 escudos. Eles é que procederam à sua maneira. Guardaram o dinheiro e foram onde lhes dessem almoço de graça.

—Em vales de correio recebemos trezentos escudos.

Mais duas camisolas exteriores

tudo ao pai Américo e ele com pena de nós deu-nos algum, mas pouquinho quase nada, porque também o não tem! Isto não são coisas inventadas, não, nem pensar em tal coisa: são realidades, ou melhor necessidades... Sei o que digo, porque eu é que tenho de fazer as contas todas.

O cronista

PEDRO JOÃO

e três gabardines e 105\$00 e roupa e medicamentos. E ainda duas latas de conserva e revistas e papeis velhos para vender a peso. Este senhor dos papeis que ainda há bem pouco nos deu uma linda imagem de Santo António, sugeriu uma ideia interessante. Nós temos aqui bem perto uma fábrica de papel. Se os amigos da Obra quisessem enviar para aqui todo o papel velho de que pudessem dispor para ser vendido a peso, isso poderia constituir uma fonte de receita. Esta a ideia do Senhor. Da sua viabilidade dirão os nossos amigos.

Uma lista que andou a correr pela Companhia do Gás juntou 4.050\$00. Muito obrigado a quem lançou a ideia e aos que contribuíram para a sua realização.

Uma família que aqui esteve deixou um pneu velho e uma senhora veio trazer um sobretudo e pede que sejam por conta dela todas as despesas da transformação e arranjo. Recebemos também roupa de vestir e calçado e doze lençóis. E mais cem escudos de uma senhora que reservou para nós dez por cento de uma gratificação que recebera.

No Montepio um relógio muito doente. Evade alguém que já não é deste mundo e para quem se pede uma oração.

De uma simpatizante da ilha da Madeira um conto e de um professor da Universidade de Lisboa dez. Que bela lição a deste professor! Lição para todos os crutos de espírito e duros de coração. Amar o próximo é amar a Deus. O melhor ensino é o do exemplo.

Mais quinhentos escudos da Beira e 365 de proveniências diversas e mais 50 para a estreptomocina em cumprimento de uma promessa.

A SACOR que bem generosa foi em corresponder ao nosso último apelo enviou agora mais 160 litros de petróleo. Bem hajam todos os que lá trabalham e que desta maneira tão amiga se interessam por nós.

Mais uma boa bicicleta acompanhada de vinte escudos para a nova licença e uma potente máquina fotográfica.

No dia de todos os Santos também houve quem nos lembrasse. Foram bolos, rebuçados e nozes de uma senhora de Bucelas e uma caixa de marmelada.

Um senhor a quem ofereceram um cordeirinho como não gostasse de mortes em sua casa, deu-nos o que lhe deram para um bom jantar. E não satisfeito ainda, juntou a esta dádiva mais trezentos escudos para a tipografia. Mais um saco de trigo para as nossas sementeiras.

Anosso pedido foram-nos cedidos pelo Ministério da Guerra os abaracamentos existentes em S. Julião da Ericeira onde outrora se faziam as colónias de férias das juntas de Freguesia da área de Lisboa. Eles arranjaram um lindo edifício por isso nos cederam os que utilizavam.

Agora esperamos poder realizar uma das nossas aspirações e ao mesmo tempo satisfazer uma necessidade. Muitos dos nossos precisam de praia. As heranças que de seus antepassados obtiveram reclamam-na. Graças a Deus, já podemos atender a estas necessidades.

Tojal, 16 de Nov. de 1949

P. L.

Do que nós necessitamos

Mais uns bois de Alcobaça. Uns bois, pois. Foi assim; os rapazes tinham de comprar uma junta de bois e foram á feita fazê-lo, sem dinheiro. Ao mesmo tempo, eu dirigi-me àquela importante vila buscá-lo e dei com ele. Foi no teatro. O nosso documentário. Muita gente. Eu. Foi-se a ver; oito contos a passar. Deu para a junta de bois.

Mais 40 quilos de açúcar de um brasileiro. Eram oito encomendas postais. Apenas recebi os avisos, chamei o Júlio e comuniquei-lhe o meu espanto por não sermos chamados ós direitos, tratando-se de encomendas do Brasil. Eu estava escaldado da alfândega dos correios, com uma encomenda do Congo Belga...

Júlio explicou-me. Os direitos tinham sido pagos pelo agente do senhor que nos fez a doce oferta. Júlio sabe tudo.

Estes oito pacotes de açúcar, estão reservados e tem sido distribuído aos Pobres. Nós temos de fazer alguma coisa por eles, pois que por seu intermédio é que a *Obra da Rua* tem crescido e é hoje o que é.

Já assim fiz com um vagon de milho que nos ofereceram. Claro está que não o vamos dar aos Pobres. Milho não é açúcar. Sem este remedeia-se; pão não. Não demos o vagon de milho, mas a primeira arroba de farinha que o nosso moinho produziu, foi dada. Símbolo. No nosso pensamento, aquela quantidade de farinha, era um monumento de amor aos Desconhecidos! E é justamente por este acto de amor, que as mós do nosso moinho nunca param de moer. Ele é tam fácil compreender, e o mundo não comprede!

Mais de Nampula lotaria do Natal.

Mais de Quelimane um cheque de 5.200\$00 acaçados pelo mesmo processo da Beira e de Lourenço Marques. Muito bem. Muito certo. Vamos a ver o que dizem as mais vilas e povoados.

Mais de Lorenzo Marques, do *Noticias*, um cheque de 4.970\$00, *donativos recebidos e destinados à sua obra*.

Sim senhor. Muito bem. Não temos palavras, temos mas é obras. Dinheirinho!

Mais de Santo Tirso uma saia para a do feixe de lenha e mais uma saia para a que não tem preparos para fazer o caldo. Executado. Agora já tem. Tem farinha e também tem azeite de algum que se lhe deu do pouquinho que colhemos na quinta. Podia ter-se-lhe dado do que recebemos dos armazenistas,—mas não. E' azeite comprado. E' dos vendeiros. Este é nosso. Sabe melhor. Aduba melhor. As azeitonas foram colhidas pelos nossos rapazes. Há mais gosto em dar assim.

Mais roupas usadas de Gaia. Diga à senhora D. Maria Alice que sim senhor; recebemos.

Chaves,—sim senhor. Executado. Mais roupas de *Um de Lisboa*.

Mais um depósito de mil escudos no Banco Espírito Santo do Porto.

Mais do *Depósito*. Estivemos algum tempo sem ir ali buscar e hoje foi o fim do mundo; roupas e calçado e livros e coisas de comer e ditas de lamber. Estas eram em pequeninas velas de açúcar, coloridas, as quais distribuímos pelos *Batatas*.

Também vinha uma mala de roupas,—mala e tudo. Dentro e por cima, a legenda amorosa:

—*Pode ser usada sem receio. A um cantinho, um frasco de orange ma rme lade e o meu augusto nome por fora; a bom entendedor... e eu assim fiz!* Também vinha um magnífico pulover

preto e eu pretendi anexá-lo. Ainda cheguei a levar ele para o meu quarto, porém houve de o devolver à rouparia geral. Mais barriga do que pano...

Mais uma viagem aos Emparedados do Barrêdo. Estava ela sentada na soleira da porta, com um farrapo preto na cabeça, a fazer de lenço.

Vocemecê não sabe? Foi há três dias. O senhor levou-mo. Era a mãe do rapaz que eu costumava visitar. Deu-me uma novidade, mas não me admirei. Da última vez que ali estivera tinha visto tudo; era o mal daqueles sítios e daquela gente. *O senhor levou-mo.*

Teologia. A alta ciência de Deus que o Pobre conhece por intuição. *O senhor levou-mo.*

A quem não estiver afeito eu iludido; ao entrar nos portais que dão para os cubiculos do Barrêdo, a primeira coisa é fechar os olhos. Cerrar os olhos e quedar um pouco. Depois abrir e esperar que a escuridão dê luz. E' assim no Barrêdo da Sé. E' assim nos Barrêdos de uma Londres. Com paredes salitradas de onde a cal se desprende, mal pode a gente seguir sem sujar a capa. O doente, em cima, nota e quer fazer-nos algum bem: *eu queria limpar mas não tenho forças.* Já limpou. Quis. A vontade é que comanda e qualifica os actos do homem.

Desta vez era quase no último andar. Subia devagarinho pela escuridão, pelos perigos, pelo cansaço; eu estou velho!

Enquanto subia fui ao Brasil. Entrei nos átrios dos Cinemas, dos Bancos, dos Hoteis, sobretudo de um aonde por razões supremas, algumas noites pernoitei. De uma vez vim à janela. Em frente, na soleira de uma porta, preparavam-se para dormir dois andrajosos, encostados a sacos de papeis. Era a casa deles. Os candeeiros da larga avenida jorravam. Fechei a janela e deitei-me. Nunca na minha vida me senti tão diminuído. Eu ali. Eles acolá! Não dormi. No dia seguinte, entra o Zé Eduardo no meu quarto. Que é que tem? pergunta. Nada, disse eu. *Vou tomar banho e fico bem.* Mas não fiquei bem. Não ando bem. Quero não andar bem...

Mais, dentro de uma carta,—*junto envio uma figura de João Pinto Ribeiro*; era uma nota de cem mil reis. A carta traz notícias de uma tragédia, pelo que se assina *Um pai sem filho*. Eu participo. Eu aflijo-me com estas notícias.

Eu gosto de não andar bem e de subir todos os dias de manhãzinha os degraus de pedra do nosso altar também de pedra. Subo e levo comigo os meus e os trabalhos dos outros. Trabalhos interiores. Aflições interiores. *Um pai sem filho*. Seria mal menor, se ele tivesse morrido! Mais aquela nota de 50\$00 frequente, quente e misteriosa.

E para terminar, o cântaro; o cântaro que hoje vimos colocar neste sítio, ao pé dos outros, para encher no dia de Natal.

Não tomamos a vez de ninguém. Não fazemos violência. Tão pouco se nos dá de quem estiver á frente; só queremos que Deus nos ajude. Que Ele nos veja. Que Ele veja o nosso cântaro. Afinal é Ele que o enche e deixa-te a imensa alegria do teu doce engano, pensando que és tu!..

A nossa Tipografia

E Sá da Bandeira; sou viúva, sou pobre e sou mãe e assina-se *Uma pecadora*. E ali ao pé, Lobito, um senhor a valer por um e um dito a valer por 2.

Sim senhor; pode dizer aos Seus amigos, que também o são da *Obra da Rua*, que em devido tempo receberemos, para os fins indicados, as quantias de 1.000\$00 e 750\$00 e 350\$ e 600\$00. A gente aqui recebe tudo quanto nos dirigem. Ontem foram 8 dos nossos ao Porto, ao Raios X. Um deles perdeu-se. Pois as pedras das ruas levantaram-se e momentos depois dos 7 terem chegado, chega também o que se perdeu!

—Como foi?

—Um senhor meteu-me no comboio!

Cá chegou. Aqui chega tudo. E Santo Tirso. E algures com meia dose. E *Os Carlos* do Porto. E meia dose para comemorar o dia dos meus anos. Outros fazem-no com grandes jantaras aos amigos do que é deles. E também estes dois:

Nota da Quinzena

(Continuação da 1.ª página)

Mas este facto ilustra. Dá a medida da iniciativa.

No primeiro ano da nossa obra, vivia em Coimbra no lar dos Pupilos dos Reformatórios. Eramos ao tempo quinze. Eu adoeci e fui mandado retirar para o Gerês durante três semanas. Não tencionava ir, com medo de deixar a casa, mas os rapazes obrigaram-me. Todos os dias recebia cartas particulares e uma do chefe responsável pelos negócios da casa. Eu já sabia que era assim, mas muito gostei que, volvidos anos, este rapaz confirme.

Este caso, que propositadamente se põe em *Nota da Quinzena*, além de uma informação, é luz. A sombra que existe dentro de muitos recolhimentos e asilos e patronatos, provém desta luz. Os métodos de educação ali geralmente seguidos, são corpos estranhos que se metem de permeio e causam as sombras. Não se penetram nem deixam penetrar a luz!

Há dias, um dos nossos vendia o *Gaiato* no Porto e encontrou na rua o cronista do *Tojal*, que viera de Lisboa falar comigo. Que belo encontro! Quantas novidades, quantas emoções... Pois não foi nada assim.

O pequenino vendedor, despede o visitante com um gentil *logo falaremos*; e desanda ruas em fora a vender o seu jornal.

Por enquanto não. A *Obra da Rua* é nova demais para ser acreditada. Os seus métodos escandalizam, naturalmente, os estudiosos. Mas não vem longe o tempo em que as barreiras hão-de começar.

Em matéria de educação, tudo quanto seja uniforme e unilateral é errado, por ser contra a natureza. Cada rapaz é um mundo. Cada um é um. Hão-de vir as barreiras.

200\$00 de dois muito amigos, muito perseguidos, muito revoltados, que gritam deste modo por Deus, para que os salve depressa, sem falta e para sempre, de todo o mal.

Têm fome de espírito, e cada vez se sentem mais sem nada. Aos homens que Deus manda perdoar e amar, eles não sabem sendo aborrecer e olhar com desconfiança, como inimigos.

E tudo neste género, sem medida nem fim, humana e divinamente falando.

Diga que são da Curia, estes dois que assim têm o desespero deste mundo na alma,—esfomeada de Deus, de Justiça e de Perfeição.

E uma a valer por dois, aonde vinha também uma toalha de linho, mas esta não vai. E o Batalhão de Metralhadoras do Porto com 350\$00. Os senhores não tenham medo, que a gente desarma-os. E um senhor a valer por 4 e a dizer que *Deus me não deixe nunca embotar a emoção com que leio o Gaiato*.

Nem a mim, o amor com que o escrevo,—digo eu. E a segunda prestação do Porto. E Lamego com 20\$00. E o Negus! E este poeta:

Cá por mim não sou católico, mas julgo ser bom cristão. Sendo assim, Senhor Prior, diga-me—faça favor:—Posso ir na Procissão?

Mas, pensando bem no caso, chego a esta conclusão: Se não regeita ninguém, há-de aceitar-me também —posso ir na Procissão.

*Por isso resolvo ir, sem esperar sua resolução. Mas, como os tempos vão maus, só posso mandar cem *paus...*

.....

... E já vou na Procissão!..

Pode sim senhor. Vão muitos assim. E uma Mãe. E Lisboa,—Pais agradecidos. E Ovar. E Foz do Douro, metade. E Leiria, para enfileirar.

E Luanda. *Uns senhores, uma família, outra família, outro amigo, mais outro e mais uma família de três, mas pede a Deus sejam em breve quatro.* Foi-se a ver,—mil escudos, e prometem voltar mais vezes. Espera-se que a procissão tenha já recolhido. E o Porto. E o Porto a valer por 4. E o Porto: *a pouco e pouco vinhei 70\$00.* E Aveiro; *é da minha filhinha que tem 48 horas de vida.* Partos; parturientes na procissão! E Arneiroz. E Viseu. *E mais um cônego que também quer ir na procissão.* Pois cá vai. Com este são três, que eu saiba. Três deles.

Fez precisamente um ano por este tempo, que saiu a lume o movimento da Tipografia, hoje uma coisa e um assunto dos portugueses.

Por irmos devagarinho, não quer dizer que se não tem caminhado. Eu estou contente com este passo. Há mais tempo de saborear.

Antes	254.000\$00
Hoje	4.500\$00
	<hr/>
	258.500\$00

Quando chegarmos ós trezentos, só faltam duzentos. Prá frente!

ISTO É A CASA DO GAIATO

Eu fiz anos no mês de Outubro. Até há pouco ninguém sabia e eu mesmo não estava muito seguro do dia próprio, mas agora sabe-se. Sabem eles e sei eu. Tive de me ausentar de casa e regressar a ela à noitinha. Eram horas de ceia. Pela porta do refeitório, entram alguns dos mais pequenos e vêm colocar sobre a mesa onde eu como, cestos cheios de fruta e de flores. E com grande espanto meu, uma garrafa de licor uma de vinho espumoso e uma de vinho do Porto! Também vinham dedicatórias garatujadas. Houve palmas, houve vivas, houve grande espanto meu pela presença das ditas garrafas, que eu mandei guardar na garrafeira e a fruta consolei-me com ela. Eu gosto de fruta. Eu morro por fruta; toda a sorte de fruta.

Os tempos rolaram e só ontem é que eu soube, já lá vai um mês e só agora é que eu sei. O Zé da Arouca e o Figados e o Norberto Fernando e outros, de que é que se haviam de lembrar no dia dos meus anos? Sem pedirem licença a ninguém, foram a casa do Sr. Abade e a casa do professor Meireles e a casa do professor Madureira e a casa do sr. Jaimeinho de Antelagar e a casa do sr. Dr. da Companhia e pediram coisas; tendo declarado, ao tempo, a cada um destes senhores, que os grandes têm dinheiro e compram, mas eles, porque não o têm e queriam oferecer, pediam. Ora aqui está de como as coisas se passaram, tudo sem eu saber de nada!!

E o Armindo. É só pelo retrato dele ter já sido aqui posto que agora se não põe. Mas ele tem muito que ver, e dá-nos que fazer. É o mais pequenino de todos Foge *o Sejaquim* e mete-se com todos. O António carpinteiro, que é o chefe das oficinas, costuma arranjar um

Aoler isto que dizemos, pode alguém supor mal dos nossos trabalhos tipográficos, por causa do Armindo andar metido nas oficinas, mas não: *Muito agradeço a esta Comissão o seu aspecto gráfico, por ter sido feito por rapazes.* Assim nos dizem de Moimenta, enquanto pagam um

tornar a cair. Delfim tem aqui grandes simpatias.

A saída veio ter comigo. Que sim senhor; que se encontra muito bem, que todos são muito amigos, que avia recados, faz limpezas e já chega coisas pró balcão. E terminou com um pedido: *Uma gabardininha!* O diminutivo nem sempre quer dizer pequeno; às vezes significa amor. Neste caso era o caso, e o Delfim foi à nossa rouparia e levou consigo a gabardininha.

lhe dava de comer enquanto recebia, e depois mandou-o embora! *Vocemecê quer-me?* Quis sim. Quero sim. Por estes que ninguém quer, quero eu dar a vida.



monte de fitas, aonde acomoda o Armindo e gosta muito de o meter ali. Os carpinteiros dão-lhe tábuas pequeninas e fazem-lhe caixotas. No escritório do Avelino também o tenho encontrado. Vai lá pedir *Flamas* e um dia destes entornou no chão um tinteiro. Logo ao pé está a oficina dos tipógrafos compositores e eu também o tenho ali visto. Não é raro vê-lo tentar as escostas; ele gosta de entrar com os outros e entra, mas os professores enxotam-no. Ontem, tirei-o pela minha mão da oficina dos impressores, com medo das máquinas.

serviço que aqui mandaram executar. E mais e mais e mais.

Não resisto dar aqui de novo à luz a cara do Armindo, nem há olhos que se aborçam de ver uma criança que antes tinham visto. Não. Quanto mais olhamos mais gostamos de ver, que isto é da essência do Belo.

Mais. A nossa casa é primeiro que tudo uma obra de rapazes. Obra humana. Ninguém lhe roube a ternura, que sem isso não seria humana. Nós não queremos ganhar dinheiro. Não queremos enriquecer. Queremos irradiar luz e calor.

Oloaquim Bonifácio veio hoje ter comigo a dizer que fazia anos: *Faço hoje treze anos.* Eu subia na maré o caracol da casa mãe. São dezoito degraus e ouvi dezoito vezes a voz alegre deste angélico rapaz: *faço hoje anos.* Entro no escritório e ele entra à minha frente. Os olhos são duas estrelas. Abre a grande porta de vidro que diz para a sacada. Salta de alegria a todo o comprimento dela e torna a vir aonde a mim, repetir a notícia que o enche. Eu queria dar-lhe o mundo. Dei-lhe um abraço e prometi-lhe que o havia de levar à feira de S. Martinho. O rapaz desaparece e daí a nada vem com uma carta dirigida a sua mãe, aonde lhe comunica a minha promessa. Dos anos não lhe diz nada; ela sabe. Mas da promessa sim; *fulano vai-me levar à feira de S. Martinho.* Os olhos dele são duas estrelas. A mãe, é uma viuva de Tomar que por pobre o não pode ter. Morro com esta dor atravessada no peito. Eu queria que todas as mães de Portugal gozassem totalmente as suas grandes fortunas. A tendência da perfeição social está aqui.

Chegou o dia e nós fomos à feira de S. Martinho. Como houvesse lugar no *Morris*, foram igualmente o *Figados* o *Albertino* e o *Abel*. Muitas barracas e muitos brinquedos lá dentro. Eu dei uma moeda de prata aos companheiros do Bonifácio e a este dei vinte escudos e mandei-os escolher dentro daquelas quantias. Uma hora depois vou à procura deles. Os três tinham já cada um a sua gaita e o Bonifácio não tinha comprado nada. Muitos brinquedos e muitas barracas; ó dificuldade! Eu aproximei-me, iam sendo muito horas de regressar a casa. Pedi-lhe que se determinasse. Outra vez um sorriso angélico e uns olhos límpidos. *Eu queria um carro da bomba que está ali.* Trouxe o carro da bomba com cinco bombeiros de cada lado. Como os três que foram com ele são naturais do Porto e o carro tivesse em letras de pau um B. V. P., não houve cão nem gato a quem eles não

contassem o grande acontecimento.

O Bonifácio, não confia o seu carro da bomba a ninguém: deu-a guardar *o Sejaquim* e passa os domingos no quarto dele, a brincar, —olhos que são estrelas!

O Bonifácio, é servente de pedreiro. Nas horas vagas faz pó das pedras macias e vai dar à senhora para limpar facas e colheres. Não lhe pede nada em troca; é tudo por devoção. O que ele não faria à sua Mãe se pudesse viver com ela —olhos que são estrelas!

Visitantes, tomai por cicerone o Bonifácio, vede se não é assim como eu digo — e chorai. Chorai este mundo gozador e anémico, que não dá fé do mal que faz, roubando os filhos às mães!

Os jornais traziam ontem fotografias de barcos num porto da América a carregar material de guerra para esta Europa... Não escutaram ainda a palavra do Mestre: *Pedro, mete a espada na bainha!*

PRA outra vez já deixo? Era o *Risonho*. O *Risonho*, que se abraçou às minhas pernas, a perguntar se para outra vez podia deixar o cabelo à homem.

Ele é o actual porteiro. A tradição, manda que os nossos porteiros usem meia cabeleira, como tinha o seu antecessor, hoje colocado no Porto.

Risonho, há muito que me vem solicitando aquela prerrogativa, e eu digo-lhe que não. Ainda ontem foi o dia em que ele, com outros mais, rapou o cabelo.

Mas *Risonho* não desanima e dá aqui a todos uma grande lição de confiança: — *pra outra vez.* Pudera ter amuado, protestar e até revoltar-se, por eu não permitir. Mas não. *Risonho* como é, alegre e submisso, espera. Confia: *Pra outra vez já deixo?*



O DELFIM

Notícias da C. do Gaiato de Miranda

1 Aqui a venda do famoso está a correr muito mal, porque deixámos de ir vender o famoso à Figueira da Foz e a Coimbra, porque já está outra casa em Coimbra e por isso só podemos vender na Lousã e em Miranda e vendem-se muito poucos e esta última vez que foram vender o famoso venderam nas duas vilas 103 jornais e isso não dá para nada.

2 Já construíram alguns currais e já alguns animais passaram para lá. Vai-se de vagar a fazer os novos e a destruir os outros velhos porque há pouco dinheiro. E agora primeiramente fazem a cozinha do forno, porque já está muito velha e até já chove lá dentro e a padaria, e telheiros para o carro e mato e ferramenta e lenha.

3 Começamos na semana passada a nossa safra e começamos logo pelo largo a onde a gente joga a bola enquanto o campo não se

faz. As oliveiras estão carregadas de azeitona e quase se partem as ramadas. No ano passado foi uma miséria de azeite, porque não houve nenhuma azeitona nas oliveiras. Desta vez foi pelo ano passado, graças a Deus, e que seja sempre assim como este ano.

4 A Casa do Gaiato de Miranda do Corvo é a casa mãe. Foi a primeira a ser fundada das Casas do Gaiato, e é a mais pobre de todas. Está a chegar o Natal e a gente sem ter nenhuma roupa para vestir para ir ver o Menino Jesus e ainda por cima vem o Inverno que ficamos cheios de frio. Se pudermos dar o que nós pedimos nesta notícia e mandar para esta direcção: Casa do Gaiato, Miranda do Corvo.

5 Há dias fugiram dois irmãos nossos e foram apanhados em Vila Nova, por um senhor que às vezes leva os gaiatos, para a Lousã quando vão vender o famoso. E esse Senhor veio cá trazê-los logo no dia seguinte. E um desses que fugiu era um bocado maluco e queria ir embora para casa das irmãs. O Senhor Padre Manuel disse para ele ir e deu-lhe dinheiro para a viagem e alguma coisa para comer até lá. Nunca passava da cepa torta e tirava lugar aos que têm juízo.

6 Chegaram hoje 4 ovelhas e ainda está para vir um carneiro. São as primeiras do novo rebanho, porque as outras que nós tínhamos estavam doentes do figado e do coração por falta de água. Se não as matassem morriam todas.

7 Andamos a mudar a canalização da água, porque a outra não dava vazão e por isso tivemos de pôr canos de luselite e tudo custou muito dinheiro e ontem não tivemos água nenhuma. Tivemos que ir a uma fonte próxima de casa. Perto de trinta contos! Vejam os Leitores como a gente se há-de arranjar com tanta gente a comer e vestir e ainda despesas destas. Ajudem-nos por favor.